

QUANTOS/AS MAIS NECESSITAM MORRER PARA RENASCERMOS DAS NOSSAS OMISSÕES

VAGNER DE ALMEIDA
2003 - 2004

Nada mais adequado para iniciar esse texto do que as próprias palavras de uma vítima do racismo, ostracismos e desigualdade social, que com sabedoria e paciência mudou o rumo de uma nação (Nelson Mandela – com o seu discurso inaugural como presidente da Africa do Sul em 1994)

Light out of Africa

Luz vindo da Africa

Our deepest fear is not that we are inadequate.

Nosso mais profundo medo, não é aquele que nós é inadequado.

Our deepest fear is that we are powerful beyond measure.

Nosso mais profundo medo é aquele que está além das medidas mais poderosas.

It is our light not our darkness, that frightens us.

É a nossa luz e não a escuridão que mais nos amedronta.

We ask ourselves, who am I to be so brilliant, gorgeous, talented and fabulous?

Nós perguntamos a nós mesmos quem sou eu para ser tão brilhante, fantástico, talentoso e fabuloso?

Truly, who are you not to be?

Verdadeiramente, quem não é você para ser?

You are a child of God.

Você é filho de Deus.

Your small prayer doesn't serve the world.

Sua pequena oração não serve para o mundo.

There is nothing enlightened about shrinking so that other people won't feel insecure around you.

Não há nada esclarecido sobre encolher que outras pessoas não se sentirão inseguras a sua volta

We were Born to manifest the glory of God within us.

Nós nascemos para manifestar a glória de Deus entre nós

It's not just in some of us but between all of us.

Não é somente entre alguns de nós, mas entre todos.

And as we let our own light shine, we unconsciously give other people the permission to do the same.

Se nós deixarmos a nossa própria luz brilhar, nós inconscientemente deixamos outras pessoas se permitirem a fazer o mesmo.

As we are liberated from our own fear, our presence automatically liberates others”

Como se nós estivéssemos liberando nossos próprios medos, nossa presença automaticamente liberta outras pessoas

Gostaria de iniciar esse scripte com alguma coisa que me impulsionasse a continuar a repensar sobre as travestis e transgêneros, gays, lésbicas e os indefinidos ainda. Folheando centenas de livros, revistas, vendo centenas de fotos, cartões postais, out doors, não conseguia me identificar com o que viria a descrever sobre essa população de meninas, moças, mulheres, seres humanos, boys e bichaboys...

Tinha na idéia Direitos Humanos, mas ainda não combinava com a minha idéia central, o coração e o cérebro do que eu queria.

Finalmente encontrei uma chave que poderia modificar ou adicionar idéias no trabalho que queria desenvolver. Freud instigou-me com uma palavra que abriria a minha trajetória nestes escritos, não acadêmico, pois não sou acadêmico, mas sim um escritor que se interessa em entender a natureza humana. Encontrei a palavra **REPRESSÃO** e com ela iniciarei o meu script. É interessante falar aqui no início que esse trabalho foi para elaborar, organizar idéias para os filmes “Borboletas da Vida - 2004” e “Basta Um Dia - 2006”

“A Repressão é vista por Freud como condição de possibilidade da cultura e da civilização”.

Freud percebe a repressão e com ela a sublimação, simultaneamente na coletividade e no indivíduo”.

“A civilização tem sido edificada sob a pressão da luta pela existência, em detrimento da satisfação de impulsos primitivos e está sendo sempre em grande grau recriada, à medida que cada indivíduo, juntando-se sucessivamente à comunidade, repete o sacrifício de seus prazeres instintivos em benefício do bem comum. As energias sexuais instintivas estão entre as mais importantes utilizadas neste sentido; são deste modo sublimadas, isto é, sua energia é desviada de seu objeto sexual e transferida para outros fins, não mais sexuais, e mais valiosos socialmente (Brown, N 1972, p 169)”.

O Corpo do Projeto

Este projeto começou em 17 de março de 2003.

Foram convidadas 11 travestis para falarem sobre suas vidas, seus anseios e esperanças perante uma câmera digital durante um workshop para elas sobre “Direitos e Obrigações” na ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

A idéia inicial era trabalhar os “Direitos Humanos das Travestis”, mas percebi de imediato que não se tratava mais de entender o que elas entendiam sobre “Direitos Humanos”, mas sim o que elas queriam falar sobre os seus cotidianos. Desejavam falar sobre elas e todas as vidas que necessitavam viver e enfrentar.

“Nós Travestis somos iguais às gatas, pulamos de um lado para outro e sabemos o que são ratos. Temos sete vidas ou mais... (Luana)”.

Naquela tarde convivendo com as meninas percebi que o passado era uma coisa distante, mas muito presente também no discurso de cada uma.

O passado de algumas era muito recente, muito jovem, muito verde, pois as lembranças que traziam eram muito frescas principalmente das mais jovencinhas ou recém chegadas do interior de algumas cidades de Minas Gerais.

A casa, a família, a escola, a cidade de onde vieram, as viagens que não fizeram ao exterior ou os relatos das que já haviam ido e agora retornaram para dar continuidade em suas vidas na Lapa, Campo do Santana, Atlântica ou embaixo de algum viaduto nos subúrbios ou na Vida Dutra da Baixada Fluminense da cidade do Rio de Janeiro. Ou tristemente revelado por algumas que muitos retornaram para morrer no Brasil. Muitas delas não morreram perto da família, mas ao lado de outras amigas ou sozinhas nas gerais dos hospitais públicos ou em casas de apoio de outras travestis, cafetinas ou mãezinhas como a maioria chama quem as acolhe ou vivem no mesmo local. E As mais trágicas que retornaram ao Brasil para serem assassinadas nas margens da rodovia Presidente Dutra, a via que liga as duas maiores cidades do país que são São Paulo e Rio de Janeiro.

O Dia-a-Dia das Travestis

Descrevo aqui o cotidiano visto de alguns ângulos e as experiências sociais dessas meninas, travestis das ruas da cidade o Rio de Janeiro. Revejo as representações, práticas e rede de proteção da vida e da saúde dessas personagens das noites cariocas. Tal observação tem o intuito de contribuir para a discussão sobre o alcance de propostas voltadas para a educação, saúde e sobrevivência dessa população, ainda tão desassistida socialmente falando.

“Cada vez mais percebemos o vínculo fundamental entre a desigualdade social e a vulnerabilidade diante a infecção pelo HIV. No Brasil, isto quer dizer que as populações mais vulneráveis à AIDS e a violência social do cotidiano brasileiro são justamente os mais excluídos, os mais oprimidos, os mais marginalizados...”
(Richard Parker)

A Aids, sexualidade e gênero entre o universo das jovens e não jovens travestis cariocas nos dão uma visão profunda sobre os processos sociais e culturais relacionados à vulnerabilidade frente ao HIV e à AIDS no Brasil, a pobreza, as desigualdades quanto à raça, ao gênero, à sexualidade e aos diversos tipos de violência nas grandes cidades brasileiras e a perversa lógica cultural que naturaliza essa desigualdade, até para as pessoas que mais sofrem as suas conseqüências.

É observado que a sociedade não aprendeu e não tem nenhum interesse de educar-se para conviver com a diversidade, aceitar o pluralismo, respeitar o diferente perante os seu olhar crítico. Visto é o programas criados para que haja uma mudança na atitude e o comportamento do intolerantes e fundamentalistas.

*** Marquês de Sades em sua auto satisfação, deleite próprio alfineta os jogos de opostos (puro/impuro, sagrado/profano, natureza/cultura, cultura/escremento).*

A idéia de transgressão está ligada à sujeira, uma associação corriqueira na ordem dos nossos travestis contemporâneos. Excrementos e perversões sexuais são os pratos típicos dessa subversão. São temas centrais que a sociedade adota para considerar o que é obsceno e imoral. Observando os discursos racistas e imorais de grupos religiosos contra a população GLBT.

Visto do outro lado da caçada psicológica e social os travestis parecem configurar uma transgressão suja, que representa perigo; perturbadores, anárquicos, desafiam a ordem, tramam contra a normalidade, zombam do poder, são expressão de marginalidade e contestação. Esta é a visão da maioria da sociedade vigilante da moral e bom costume. Mas se observados atentamente essa população de travestis dentro do seu espaço será notado como elas são consonantes com a circunstância em que são geradas, mas do que isto; consonantes com os valores morais vigentes a circunstância em que são geradas.

Buscando reflexões sobre sexualidade e escatologia, repressão, cultura, proibição, transgressão, nôjo, desejo, para então se pensar o travesti como uma pessoa social e como território do eu, simultaneamente, um espaço complexo de controle e liberação.

Personagem de intensa tensão, sexualidade, culpa, agressivos, sentimentais iconoclastas ou reacionários. As travestis podem ser observadas como manifestações contraditórias e expressivas, uma população rica em significados para o conhecimento de aspectos fundamentais da cultura humana.

O Ser Proibido

George Bataille recorrendo aos escritos de Sade descreve;

“Nada contém a libertinagem, o único modo de prolongar e multiplicar os nossos desejos é querer impor-lhes limites...”

Sabrina jovem travesti de 17 anos até setembro de 2003, conta revoltada que um dia vindo para o trabalho de ônibus a chamaram de libertina, ovelha da coisa ruim, buceta de bosta e ainda recebeu, recebeu não, foi imposta a receber um folheto de uma maldita igreja evangélica segunda ela.

Conta: *“Além de ser ofendida, a mulher que me deu o papelzinho do culto disse que deveria colocar limites na minha vida e vir de encontro a Jesus”.*

- Quando ela falou que eu devia ir de encontro com Jesus, o diabo desceu no meu corpo e fui logo falando: Eu vou é de encontro de caralho, porra! Vou agora mesmo dar a minha buceta de bosta para uma neca imensa. Vou fazer um proguê com o meu rabo. Este é o encontro que vou ter agora...”.

Comecei a picar o papelzinho da igreja dela e joguei pela janela como confete. Você pode imaginar o que aconteceu no ônibus. A metade ria, fazia mais piada de mim, batia palmas e fazia um som com a boca para instigar uma briga com a estúpida senhora. Eles faziam esse barulho Sssisca, Sssisca... e a outra metade me excomungava. Foi um horror! Senti-me completamente sem chão, sem alicerce, sem ninguém para me defender ali caso eles realmente quisessem me agredir. Juro que na hora eu senti medo, mas não deixei demonstrar que estava com medo.

O motorista também evangélico da porra deu uma enfreada que eu acabei batendo as costelas no ferro do ônibus e gritou lá da frente; “Se não se comportar vou lhe colocar para fora, pois gente como você deve é andar a pé”.

Com as costelas pegando fogo fui lá na frente e pedi a ele para repetir o que ele disse, mas ele não repetiu. Um covarde safado, mas foi até bom, pois ia lá na frente cortar a cara dele. Ia dá um socão antes de sair do ônibus. Eu estava possuída de raiva. Estava com raiva de todo mundo. Eles não falaram nada quando um bando de filhos da puta me chamaram de Buceta de Bosta. Ninguém foi recriminado, só eu...Que raiva que senti. Em falar agora eu fico toda arrepiada de ódio.

Acabei soltando do ônibus e vindo a pé até aqui na Lapa, pois nem aquê para pegar outro ônibus eu tinha.

Quando sai do ônibus me jogaram uma lata de Coca Cola e me chamaram de Buceta de Bosta de novo.

Ontem trabalhei angustiada, triste, estava toda me sentindo proibida, censurada, mas consegui fazer cinco proguês de R\$ 20,00 cada um.”

“A proibição instaura o fascínio da sua transgressão. Ou mais: a proibição existe para ser violada, já que não há proibição que não possa ser transgredida. A proibição não significa necessariamente a sua abstenção, mas a sua prática sob forma de transgressão. (GeorgeBataille)”

Wolpy Jones, hoje conhecida na mídia como **Lacraia**, no vídeo **“Ritos e Ditos de Jovens Gays”**, ABIA, 2003, fala uma frase muito importante para o movimento gay no Brasil.

“Se todos os gays no Brasil se unissem, nós ganharíamos todas as lutas”.

A necessidade que as travestis e o movimento homossexual no Brasil têm de se organizar para desconstruir o estigma e a discriminação contra essa população tão marginalizada e tida como transgressiva e proibida para a conduta das morais e bons costumes contínua sendo um entrave nas camadas maiores do poder.

“A transgressão organizada forma com a proibição um conjunto que define a vida social. (G. Batailler)”

“Ladies da Vida”

A mais jovem do grupo tinha 16 anos e agora em setembro completará, completaria 17 anos. Vinha de São João de Nepomuceno, Minas Gerais e já trazia consigo toda uma caminhada pela vida de travesti. Vestida com um bustiê encarnado, calça justa e baixa, deixando a marca do biquíni de praia aparecer e sapatos de salto alto não parava de sorrir e

mostrar os dentes claros, moldados pelos lábios maquiados com um batom barato vermelho. É, era uma jovem já vivida, glamorosa no mundo dela. Percebi que a sua vida era o presente e o futuro distante, era conseguir dinheiro e retornar para casa, para junto dos irmãos e da mãe. Interessante ressaltar que a mãe e os irmãos dão suporte total a ela. (X), não foi expulsa de casa. Ela veio para o Rio de Janeiro com o consentimento da mãe e a ajuda dos irmãos.

Relata estar feliz no Rio, pois abandonou a escola e agora pode viver a vida de glamour que sempre sonhou para ela nas calçadas da Lapa e Glória.

Conta que na escola foi muito torturada pelos alunos de sua idade e pelos dirigentes da escola. Sorrir ao dizer que ia para escola vestida de menininha e que a diretora da escola lhe pedia para vir vestida de outro jeito. Confessa que a diretora era até uma pessoa boa, menos hostil do que os demais, pois sempre falava com ela para tentar na escola mudar um pouco os seus modos ou acabaria tendo que sair de lá. Mas abusar era a coisa que ela mais gostava de fazer na escola.

Abusar neste sentido significa;

“Transgredir, Quebrar as regras da escola, Impor-se as normas daquele estabelecimento”.

“Freqüentemente, a transgressão da proibição está tão sujeita a regras quanto a própria proibição. Não se trata de liberdade: em determinado momento e até determinado ponto, esta coisa é possível: eis o sentido da transgressão”.(Georges Bataille)

Ela continua falando que havia muita pressão sobre o seu corpo de menina de 14 anos.

O irmão de 15 anos também já travesti sonha em sair da cidade aonde mora com a mãe e o restante dos irmãos para vir tentar a vida na cidade do Rio de Janeiro junto com a irmã mais velha de 17 anos.

O tempo todo ela relata a sua vida como sendo gloriosa.
Ela gosta de ser mulher e como disse o tempo todo na filmagem:

“Eu sei que não posso ser mulher, mas posso roubar a imagem da mulher e ser mais bonita, glamorosa e gloriosa do que ela!”.

“Não importa a modificação que façam, pois travestis acreditam que elas não são mulheres e que nunca poderão ser, por que Deus as criou como homens e os seus sexos jamais poderão ser mudados (kulick 1997:193ff)”.

Seguindo na juventude, porém um ano mais velha a travesti negra jovem relata que também veio da mesma cidade, São João de Nepomuceno, Minas Gerais e que aqui no Rio de Janeiro é o lugar aonde ela quer vencer.

Com os olhos emoldurados com uma sôbra azul safira, cabeça raspada e trajando um vestido básico azul marinho, essa jovem confessa se assustar com a violência do Rio e dos clientes que pega a noite nas calçadas da Lapa e da Glória.

Na última noite teve um revolver na cabeça e só se salvou por ter saído do carro aos gritos em um local público e lotados de pessoas. Disse ter gritado com o cliente e ele apontou uma arma na cabeça dela e disse para ela gritar novamente com ele. Relata que foi uma noite de pavor, de medo, mas mesmo assim ainda voltou para o ponto e pegou mais três clientes. Desta vez ela não gritou com nenhum deles e fez todas as vontades de cada um. Relata que um dos clientes tinha apenas 17 anos e estava dirigindo o carro importado do pai. Fizeram sexo ali mesmo no local de trabalho e ele disse que amanhã voltaria para comer o cu da “*Pretinha” (neste momento eu não sei se ela se referia como Pretinha com alegria ou se explicava que ele a chamou de Pretinha pejorativamente)

**Em português no Brasil, Pretinha também é usado como uma forma carinhosa.*

As travestis estão recheadas de terminologias que nós muitas das vezes na paralela de suas vidas não entendemos. Não importa o quanto próximo você esteja. Haverá sempre uma diferença ou mudança cultural no vocabulário dessas pessoas

Quando a terminologia *“Fazer Pista”* foi mencionada e todas se manifestaram dizendo:

- *Nós temos cara de operarias de construção civil?*
- *Quem faz pista é pedreiro, engenheiro, máquinas...*
- *Vocês nos enxergam com uma britadeira nas mãos?*
- *Nós somos putas! Fazemos sexo por dinheiro! Esse é o nosso trabalho.*
- *Quem inventa essas palavras para nós são os outros*

Foi interessante observar que as travestis filmadas antes e que não trabalham nas ruas fazendo sexo ou que confessam que não podem mais fazer sexo por motivo de saúde são diferentes.

Um convivendo com o HIV/AIDS em fase de doenças oportunistas como Herpes ou outra infecção, possuem um vocabulário completamente diferente e politicamente correto.

Porém importante observar que nenhuma travesti entrevistada mencionou em fazer cirurgia para retirar o pênis. Todas mencionaram que é a sua arma de trabalho ou foi em épocas passada.

“Elas acreditam também que uma operação para a mudança de sexo não consegue produzir uma mulher nelas biologicamente e sim sentem que é uma castração homossexual (Kuling 1997:577)”

“A transgressão é o princípio de uma desordem organizada, na medida em que introduz em um mundo organizado algo que o

ultrapasse, o caráter organizado a que acederam aqueles que a praticaram (G. Bataille)”.

Se formos pensar como dividiríamos essa população haveria uma imensa lista de classes.

Começaria a perceber as Travestis entre 40 e 50 anos.

As adultas travestis entre seus 26 e 35 anos.

As travestis saindo de sua fase adolescente entre seus 18 e 25 anos

E por fim as mais jovens, recém chegadas no universo das travestis, as quais estão entre seus 13 e 18 anos.

“Meninos que se identificam com as travestis podem começar ingerir ou injetar hormônios femininos por volta da idade de 10 ou 12 anos, para desenvolver os seus seios e contornar os seus corpos na imagem feminina. O silicone também é outro sonho da jovem da travesti, a qual implanta nos seios para os crescer e nas ancas para as contornar como da famosa mulher brasileira (Kulick 1997:576)”.

Como disse “Sabrina”, uma jovem travesti de 17 anos.

“Basta ficar nas ruas por uma semana para você perceber o quanto você aprende, o quanto você envelhece, o quanto se perde a nossa criancice”.

Está jovem já possui em seu diário de vida vinte e duas surras, um espancamento que a fez quase perder uma vista, fez sexo não sabe quantos vezes por nada, pois os clientes não pagaram e a deixaram em lugares ermos com a promessa de matá-la ali mesmo. Seis vezes foi literalmente estropada e as amigas da calçada é que a trataram no apartamento de cômodos aonde todas moram...

Relata todos esses fatos com a maior naturalidade e conclui que basta viver essa vida por alguns dias ou meses e verá como você fica dura igual a uma pedra. Chega-se até perder o tesão pela vida, mas deixar de ser travesti confessa que não deixa não. Ama ser mulher, mesmo que as outras pessoas não acreditem, ela acredita que é mulher.

É observado como jovens pobres, cujas vidas e sonhos são construídas por determinação de gênero, cor e classe social e raros são os que concebem o cuidado com a saúde. Como são jovens eles/as estão vivendo o mundo nesse momento de experimentação e aprendizado da sexualidade, marcada pela presença do HIV/AIDS e desigualdade social de seus universos.

“Hoje é impossível pensar em uma resposta realmente eficaz à epidemia, sem que as questões de saúde sejam localizadas enquanto, também, questões de direitos, e vice-versa. Podemos até dizer que a suscetibilidade ao HIV é apenas mais um sintoma, dentre outros da opressão sexual. Em outras palavras, é impossível se pensar em uma resposta à epidemia de HIV entre as travestis, sem que, ao menos um de seus componentes, se ataque a homofobia e ao estigma; (não se contemple questão relativa fomentação dos direitos sexuais).”

*Neste sentido, e seguindo junto com outros segmentos do movimento social, acredita-se que o caminho e lugar para combater a homofobia são, antes de tudo, na cultura sexual que sustenta. A família, dada a sua importância na socialização dos sujeitos, e onde primeiro se manifesta à opressão, seria um espaço privilegiado de ataque.
(Luis Felipe Rios)”*

Bruna com os seus 18 anos, com uma face de anjo e menina jovem das praias de zona sul do Rio de Janeiro fala com um ar

de felicidade que agora retornou para casa alguns meses passados. Voltou por que a sua mãe foi buscar-la onde ela trabalha na rua.

Saiu de casa com os 16 anos, pois não agüentava mais a opressão da própria mãe, a mesma que foi a buscar nas calçada da Lapa.

Confessa que naquela época não estava nem mais na calçada, mas sim na sarjeta. Consumia tudo que ganhava com cocaína. Todo cliente que fazia ia em seguida comprar papelotes para cheirar e voltar para o trabalho. Sem saber a mãe seguia seu dia-a-dia através de outras travestis jovens como ela. As colegas avisavam a mãe onde ela estaria e que hora estaria, pois assim a mãe podia a monitorar a distância. Foi nesta época que a mãe se fez presente e disse que ela poderia voltar para casa como travesti, continuar a trabalhar na noite, mas com uma exceção; que ela parasse de comprar e cheirar cocaína. Confessa que no início foi uma barra, ter que trabalhar limpa, mas sabia que poderia voltar para casa e dormir em paz e não ter que fazer rodízio com as amigas em uma cama de um quartinho com oito travestis em uma subida de favela dos morros da cidade do Rio de Janeiro.

Hoje morando com a mãe, confessa que percebe o ostracismo que a mãe sofre com a vizinhança. É uma barra ser travesti, pior ainda é ver a sua mãe que lhe apóia sofrendo por sua causa...(relata isto com lágrimas nos olhos).

“Meu sonho é voltar estudar e tirar a minha mãe daquele inferno de prédio em que vivemos na Tijuca”.

Relata que ela própria não se importa com ela, pois dorme de dia e trabalha a noite e quase não se depara com os vizinhos, apesar de que quando sai à noite e encontra alguém pelo caminho as piadas são ácidas. Não falam diretamente com ela,

pois sabem que haverá um bate boca, mas os risos, as piadas são constantes.

O inferno é desde a sua rua na Tijuca até aos Arcos da Lapa, aonde solta do ônibus para poder trabalhar e se agrupar a outras colegas de noite. Mas diz que é uma privilegiada, pois como travesti ainda mora com a mãe e na Tijuca (ri limpando os olhos com o dedo polegar e me perguntando se a cara dela estava borrada)

Eu sou Trava e tenho orgulho de Mim?

Você sabe quando você faz parte de uma sociedade só nas obrigações e nunca, jamais nos direitos?

Sou uma jovem já meio passadinha, convivo com tudo isto e até hoje sinto muita dificuldade de sentir orgulho do que sou. Gosto de ser o que sou, mas ter orgulho ainda há muita estrada para percorrer tudo isto.

Quer um bom exemplo, que eu vivo todos os dias?

Todo o dia vou à padaria pela manhã, vou comprar o meu café, às vezes mortadela, queijo e o meu pão. Pago os impostos do café, leite, margarina, pãozinho e tenho que escutar que todo viado deve morrer. Fico revoltada, por que até o dono da padaria no fundo pensa a mesma coisa, como se o meu dinheiro fosse diferente do dinheiro de qualquer outro freguês. Falo brigo, faço piada com as necas pequenas, mas no fundo eu me sinto terrível, angustiada...Meu dia começa e eu estou sempre mal humorada com a vida.

Tento não sair de casa durante o dia, mas às vezes sou obrigada sair e continuo a me aborrecer. Por esses dez anos que me transformei, não houve um simples dia que eu saísse às ruas e não

me sentisse um lixo, agressiva, transgressiva, guerreira e derrotada.

Refiro-me às vezes como se eu não ligasse para o que dizem, mas não é verdade, digo para escapar da insegurança que tenho de ir as ruas. Por esse motivo eu lhe digo é muito difícil eu ter orgulho de ser travesti. Volto a repetir; eu gosto de ser mulher, me vestir de mulher e me sentir mulher, mas não tenho orgulho de mim mesma e nem de minhas colegas. Somos um grupo de pessoas não em extinção, mas extremamente marginalizadas. A comunidade aumenta a cada dia, mesmo com toda essa opressão. Mas estamos muito distante de nos organizarmos e sermos cidadãos plenas. Olha para mim, olha-me e você não me conhece. Você não sabe que eu sou uma excelente bolera e confeitadeira, cozinho como ninguém e sou fina, elegante, educada, mas ninguém consegue me ver assim.

Que ódio! Que raiva! Que frustração!

Ontem fui chamada por uma corja de religiosos de Perverso. Eu disse a eles que poderia até ser o que eles estavam me chamando, mas só que eles teriam que falar que eu era uma Perversa.

Ai que ódio! Que raiva! Que filhas da putas...! Você não acha? Você não está precisando de uma faxineira, cozinheira, passadeira na sua casa, não?

“Perversão é um desvio em relação ao ato sexual ‘normal’, definido este como coito que visa à obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto (Laplanche, J.1977)”.

Palavras não ao Vento!

No Brasil ao mesmo tempo em que a travesti pode ser um ícone, um centro de atenção, uma musa de verão, um carro alegórico, uma referência como a melhor couffer, a cabeleireira da mãe do famoso político do país, na verdade a maioria das travestis são tratada como lixo, com um excesso de violência ignorado pelas autoridades municipais, estaduais e federais.

A maioria, isto significa 99% das travestis vêm de famílias e comunidades muito pobres, com problemas de saúde físico e mental muito grande e com uma imensa inserção nas drogas. A travesti não é só vista ou associada como uma desviante transgressiva, marginalizada, mas como pessoas que não fazem parte do censo do país.

São vítimas da brutalidade da policia e com um altíssimo número de assassinatos não resolvidos. Até hoje não se pode contabilizar o número de óbitos de travesti no Brasil, apesar de sabermos que é imenso.

“Na sociedade autoritária, aumentam, em conexões com os conflitos econômicos e ideológicos, as contradições entre a moral vigente, que é imposta a toda sociedade pela classe dominante no interesse da preservação e do fortalecimento do seu poder, e as exigências naturais da sexualidade dos indivíduos isolados em determinada época, levando a uma crise insolúvel no contexto da forma social existente. (Reich, W.1968, pág 62)”.

Um fantástico exemplo como ícone no verão de 2003 foi Wolpy, 23 anos, agora conhecida na mídia como Lacraia. Uma drag queen, vinda da segunda maior favela da América Latina,

Jacarezinho, negro/a qual não se define como travesti, mas se chama de garota, de menina. Suas roupas são audaciosas, andrógenas, drags, gays, funk, hard core...Todas as experiências da vida ela já presenciou, conviveu e viveu. Uma pessoa digna de ser um ícone.

Em contradição a fama, o nome, a personalidade forte e caricata ao mesmo tempo trouxe um misto de renovação e ódio, desprezo, insegurança, inveja e tantas outras emoções pequenas do ser humano.

As travestis e homossexuais afetados, escandalosos, passaram a ser chamado na rua de “Lacraia”.

Um caso raro, mas que se tornou um certo incomodo com as travestis foram ser chamadas de *Lacraia* pela sociedade homofoba e estigmatizante. As travestis não admitem associa-se ao caricato/a e andrógeno/a Wolpy Lacraia. Elas sentem uma raiva imensa quando são chamadas de Lacraia.

Jornalistas, comentáristas esportivos, radialistas, ativistas gays, clérigos, fundamentalistas, movimento das travestis, conhecidos e desconhecidos passaram o verão de 2003 criando teses e comentários ácidos sobre a Musa do Verão carioca e conhecida em todo território nacional.

Em um só domingo à tarde Lacraia esteve em todos os programas dominicais dos mais famosos canais de televisão do Brasil. Um fenômeno, pois naquele exato momento, em pleno domingo, esse personagem gay, andrógeno, drag, homossexual passivo e ativo, para quem não a conhece ela era vulgar, para quem a conhece, a desejada, e para os fãs um ídolo. Naquele exato momento ela estava dentro dos lares mais puritanos, mais fundamentalista, mais estigmatizante da sociedade brasileira, mais liberais. Ninguém tinha a opção de mudar de canal, pois lá

em rede nacional estava estampada a face interrogativa da sexualidade do verão brasileiro de 2003. Uma guerra de ibope entre as redes. Como no filme “Houve Uma Vez o Verão” , creio que o momento de fama de Marcos Rosas, seu nome de rapaz, Wolpy seu nome de palco e Lacraia nome de Verão e do personagem que desempenha nos palcos ao lado de Claudinho Bochecha, um cantor de funk também da favela do Jacarezinho na cidade do Rio de Janeiro.

Essas contradições constroem a sociedade brasileira e o mundo das travestis. Algumas recheadas de glórias e sonhos. Outras recheadas de incerteza, inseguranças e sonhos também, sonhos que elas mesmas sabem que são para o universo delas quase impossível de serem realizados.

Meu Marido!

Meu marido tem 23 anos e vivemos juntos já quatro anos, mas eu tenho uma amiga que ela vive com o marido dela já 17 anos e têm até um filho que eles criam.

*Meu marido é muito atraente, jovem e tatuado. Não terminou o segundo grau e eu o encontrei fazendo programa na Via Apia. Nos vimos, paguei um cachorro quente para ele, pois estava com fome e não tinha nem aquê no bolso. Naquela noite, nem ele e nem eu tínhamos feito nenhum programa. Foi uma noite um ô!
As pessoas pensam que marido de travesti tem que ser gigolô ou safado, isto não é verdade. O meu marido não é nem gigolô e nem safado. Ele faz qualquer coisa para trazer dinheiro para dentro de casa.*

A única coisa que eu proíbo a ele de fazer é beijar uma outra trava ou gostar de pau. Ele pode até fazer proguê, ser passivo no proguê, mas se eu perceber que ele gosta de neca eu do na cara dele e o coloco na rua.

Nós fazemos filmes juntos, mas eu nunca deixo ele beijar outra trava nos filmes. Eu do na cara dos dois.

Eu adoro o meu marido e ele me ama também muito, mas as pessoas não acreditam...

Às vezes eu tenho vontade de penetrar ele, mas caso eu faço eu vou perder o respeito por ele e sei que não o verei mais como marido, macho e sim como uma bicha incubada. Pensa bem eu comendo uma bicha igual a mim. Não sou lésbica e por isso não permito que meu marido seja penetrado. Isto para uma travesti é uma ofensa imensa perder o respeito pelo marido ou saber que ele é uma bicha incubada. Isto é uma humilhação tão intensa do que ser mau tratado onde somos expulsas por sermos travas.

“Vergonha?”, Tenho Muito na Cara!

No dicionário, Vergonha é “sentimento penoso de desonra; humilhação ou rebaixamento diante de outrem”, ou “sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos, etc; timidez, acanhamento”. Designa também a própria “Desonra humilhante: o próbrio, ignomínia”, ou qualquer “ato, atitude, palavra, etc., obscenos, indecorosos, vexaminosos”. Pode significar o “sentimento da própria dignidade”, o brio, a honra: “ter vergonha na cara, ter sentimento da própria dignidade; ter brios”. E pode ser também sinônimo de pudor, que o mesmo Aurélio define como “sentimento de vergonha, de mal-estar, gerado pelo que pode ferir a decência, a honestidade ou a modéstia. E também por extensão”, esse sentimento, ligado a atos ou coisas que se relacionam com o sexo”

Fabiana é uma travesti escura, bem negra, que gosta de usar sobras azuis. Ela gosta da cor azul, todos os tons de azuis. Conta em seu relato rápido que já perdeu a conta de quantas vezes foi chamada de *sem vergonha, descarada, obscena, não ter brios,*

sujo, impuro que vive se esfregando nos homens da vizinhança. Segundo ela, essas palavras começaram dentro de casa, depois se estendeu para a vizinhança, ultrapassou as fronteiras da esquina e se estendeu por todo bairro.

É interessante entender que Fabí como ela e suas amigas lhe chamam se sentia rebaixada, humilhada, ridicularizada e indignada com tanta discriminação contra a sua pessoa. Relata que naquela época ainda nem era uma travesti, só tinha era jeitos delicados e sentava de pernas cruzadas. Também gostava de pintar as unhas com esmalte azul. Não sabe a razão de gostar tanto de azul.

Conta que dentro de casa apanhava e fazia as tarefas domésticas como castigo. Ir a rua só com a permissão dos pais e dos irmãos mais velhos. Vivia sendo referência de humilhação perante os programas de televisão e músicas que se referia a gays pejorativamente. Fala sem se importar muito que até se acostumou a não poder falar com os seus familiares dentro de casa, pois eles diziam que; *“Você é a vergonha da família, a nossa desonra, não tem brio na cara, pessoa vexaminosa...”*. Relata meio assustada das coças que levava sempre, simplesmente por estar de pernas cruzadas quando estava sentada na poltrona. Ninguém lhe dava trégua, estava sempre sendo vigiada por alguém e quando não era pelos familiares era pelos vizinhos.

Confessa nunca ter podido ter sexo com nenhum dos seus vizinhos, era acusada sem fazer nada. Ri e fala que ninguém acredita, mas que foi perder a virgindade no dia em que o seu irmão mais velho lhe colocou na rua depois de dois dias de sua mãe ter morrido.

“Ela foi enterrada em um dia e no outro eu estava na rua com uma bolsa de plástico nas mãos com algumas peças de roupa.”

Neste mesmo dia um senhor me comeu no meio de matagal, não me pagou, pois ele me ofereceu dinheiro e eu fui, mas na hora ele não me deu o aquê. Disse que eu era muito feio para ser pago e que não sabia dar. Depois dali fiquei na rua por alguns dias como pivete e sentada nos bancos com as pernas cruzadas.

Acorda algumas lembranças com satisfação, pois fala que ali ela não sentia que ia apanhar dos irmãos por estar do jeito que ela se sentia confortável.

“Um dia vi ele, realata sobre a cama onde tem um rapaz doente que vendia amendoim e cocada. Disse que não tinha dinheiro e estava com fome. Eu era bem educadinha. Ele me deu uma cocada e dois dias depois ele disse que eu não podia ficar na rua não. Era muito perigoso e a policia ia me levar para a FUNABEM. Eu pensei que ele queria me comer, mas logo percebi que era mona passiva também. Foi ai que eu fui parar aqui na casa de David, essa bicha maluca com um coração do tamanho do mundo. Comecei a fazer pipoca para vender com ele e já começava a ter a malícia da vida rapidamente. A rua nos ensina tão rápido. Quando eu sai de casa não sabia de nada. Duas horas depois fui curada e não paga, sentei no banco da praça e via as pessoas passarem, algumas me olhavam outras nem me percebiam ali. Passei um dia sem comer nada. Senti-me completamente desamparada até David me estender às mãos”.

Relata baixinho que David está com *Docinho*, com *Aquilo*, mas ninguém sabe não.

Neste momento fala que David está deitado em uma cama muito simples e muito abatido com alguma doença oportunista. Não quis perguntar muito sobre a vida de David naquele momento, pois sabia que iria em breve naquela casa de cômodos, pois David era uma pessoa que eu queria conhecer.

Fabí agora em março de 2003 trata de David e ganha a vida na prostituição.

Nunca mais voltou no seu bairro e não sabe como as coisas andam por lá, pois realça que tem muita vergonha na cara e nunca mais vai permitir que alguém a escorasse como o irmão fez com ela.

Ela conta que soube que um dos irmãos fora assassinado pelo tráfico local no ano passado. Deu um banho no tráfico e eles os fecharam. Diz não ter pena nenhuma, pois ele era muito ruim para ela.

O pai é um bêbado de porta de birosca e ela nem sabe quem está cuidando dele agora.

A irmã vende cachorro quente com um amante, gordo e bodoso na boca de fumo de uma favela do Rio de Janeiro (o nome da favela foi citado, mas ela me pede para não referir o nome do local nestes escritos).

Fabí se sente muito vazia, sem escolaridade quase nenhuma, pois terminou o segundo ano do primeiro grau, mas diz saber assinar o nome e o sonho dela é ter uma conta bancaria com muito dinheiro.

Ela me pediu para ler uma bula de remédio, pois se esqueceu de como dar o remédio para David.

David tosse muito segundo Fabi e creio que ele estivesse com uma pneumonia ou tuberculose muito forte.

Fabiana até então não havia feito exame de HIV ou tuberculose, pois acreditava que ela não precisava. Apesar de levar David as consultas médicas, mas nunca fez o teste e realça que ela estava muito bem e que aquilo ela não tem.

O interessante é que foi observado que em nenhum momento que passamos juntos ela pronunciou o nome Aids ou Sida, mas disse Docinho ou Aquilo.

“É observado que desonra, humilhação, rebaixamento, insegurança, ridículo, indignidade, são conceitos que têm em comum, na teia de sentidos que molda o nosso discurso verbal uma forte associação com atos ou coisas que se relacionam com o sexo”. É possível ir além, seguindo as definições de decência (palavra incluída na definição de pudor ao lado de honestidade e modéstia), vemos: “conveniência, conformidade, correção, decoro”, e também asseio e limpeza.

Não se pode passar despercebido que a definição de pudor refere-se também a um sentimento de “mal-estar”, que poder ser físico, até por que o que fere a decência (diz-nos o dicionário) podem ser coisas físicas com a sujeira e a falta de asseio. Nesse mal-estar temos o nojo

No universo das travestis há a vergonha, pudor ou nojo de coisas que não convém expor socialmente. Coisas físicas, ligadas ou não aos corpos, sentimentos ou comportamentos. Coisas que de alguma forma desarrumam a ordem da cultura e que precisam ser escondidas, mas que sem por isso deixam de existir.

Claudinha, 18 anos, loirinha e olhos castanhos claros, confessa que não gosta de expor-se nua perante as suas colegas onde mora. Não gosta de ver o seu sexo masculino e só faz xixi sentada.

Confessa se pudesse tirava aquilo entre as pernas dela e que um dia ela fará a operação. Está guardando dinheiro para isso. A primeira a referir a retirada do penis. Mas alega que também aquilo é arma do negócio dela nas calçadas.

Odeia quando tem que comer o cu da maricona ou ser chupado por uma tia. Nesta hora confessa que dá vontade de dar na cara dessas bichas.

“Visto-me de menina, sou garota, bonitinha, feminina e eles querem ver a minha neca logo de início. Eles me falam que não acreditam que eu sou travesti e querem a prova”.

Claudinha realmente é uma menina adolescente muito jovem e que não possui característica nenhuma masculina. Não tem um pelo se quer no rosto, apesar de estar usando uma maquiagem até pesada para a sua face juvenil. Mas também é observado que ela está na hora de ir trabalhar às 22:35 de uma sexta-feira de março de 2003.

“Muitos acham que eu tenho a neca pequenininha e vão embora e outros querem que uma menininha coma eles com a minha nequinha”.

X uma travesti já na casa do 40 e poucos anos, não quis que seu nome fosse exposto, até mesmo por que é conhecida como cafetina na comunidade das travestis. O que não é verdade! Leva a fama sem ser, como ela mesma diz;

“Eu sou é uma empresária e como tal faço os meus negócios fluírem e se multiplicarem. Conseqüentemente bem sucedida como sou, causo um pouco de desconforto para as outras mortas de fome”.

X é uma pessoa bem articulada, informada e convivendo com o seu HIV/Aids faz muito pela comunidade, mas frisa muito bem que ela não é uma santa e nunca quis ser. Ela é puta mesmo e sempre foi!

A diferença entre a Claudinha e X é que ambas têm em comum é que são travestis, uma bem jovem e outra na sua fase adulta avançada.

Uma com o pudor, o nojo e a vergonha do seu corpo feminino trazendo o resquício do masculino entre as pernas.

X diz em voz alta que o seu triunfo é o pênis e os seios avantajados. Uma de suas clientes, a qual ela faz o trabalho de coiffeur na própria casa é um bom exemplo.

“Penteio e embelezo a esposa e mãe, chupo o filho e como o marido. Ninguém sabe de ninguém e eu ganho o meu dos três lado”.

Quando a perguntei se o jovem pagava também ela de imediato me responde;

“Como um outro cliente qualquer, dinheiro adiantado antes dos serviços prestados. Sou uma profissional de A a Z, sendo assim não faço caridade para ninguém, inclusive para você caso você queira os meus serviços” (risos de ambas as partes).”

X confessa ser muito confortável com ela mesmo, apesar dos enfrentamentos do dia-a-dia. Há alguns anos passados ela resolvia as coisas na briga, na porrada, mas hoje como uma ativista todos os insultos e desconforto ela resolve nas palavras, a qual sabe usar muito bem.

Uma coisa incomoda X, não é a vergonha, o pudor, o nojo, mas ser chamada pelo nome de homem. Ela confessa que o único sentimento e desconforto que sente é se alguém lhe chamar pelo nome de homem. Caso isto aconteça realmente perde a classe e as largas mãos vão de encontro à face da pessoa.

Foi muito interessante, que quando ela estava assinando o termo de liberação de imagem que há a necessidade de ser assinada, ela frisou muito bem e fortemente;

“Estou aqui fazendo essa entrevista com você por pura admiração e acreditar que você de alguma forma pode colaborar para que o

nosso universo das travestis se torne menos hostil, acredito no que você faz. Repito que por esse motivo eu estou aqui. Mas se você algum dia revelar a alguém o meu nome de homem eu lhe parto a cara ou você parte a minha, mas que você verá quem é a verdadeira X, você verá”.

O interessante nesta conversa é a diferença entre Claudinha e X, uma protegida e a outra protetora. Uma escondendo o aparente, neste caso o pênis. A outra renegando, encaixotando, reprimindo o nome de homem.

X ainda conclui antes de sair da entrevista e do set de filmagem;

“Deixei esse ser lá atrás (faz um longo sinal para trás com a mão direita) há muitos anos e nunca mais quero sentir perto de mim ou ouvir esse nome de novo sendo referido a minha pessoa. Enterrei, sepultei e surgi como X. Então eu sou X e não ele”.

Eu poderia lhe perguntar se você me entende, mas não preciso que você e que ninguém me entenda. Eu tenho que me entender, eu tenho que decidir o que é melhor para a minha vida.

Sou positiva, ex-drogada, cafetina como me chamam, puta como eu me chamo e uma excelente profissional no que eu sei fazer. Sou uma artista que subo no palco todos os meses para arrecadar fundos para as outras que estão morrendo abandonadas. Arranjo 40 cestas básicas e distribuo para elas. Aceito qualquer donativo, pois sou cafetina e puta também.”

X nunca sorri, sempre com o rosto fechado, sério, amargurado, mas muito segura dela mesma.

As jovens que acompanhava ela, todas sem exceção a respeitava. Bastava ela olhar ou dizer; “cala a boca e ousa o que ele está falando. Silêncio, pois aqui não é a calçada. É a ABIA e aquele,

não é o seu cliente. Aquele é Vagner de Almeida”. Todas sem exceção se comportavam como X exigia.

Há uma hierarquia entre elas, há um respeito, que as pessoas não sabem e não entendem caso não estejam inseridas no universo que constrói a vida de cada uma dessas meninas, moças e mulheres.

Bicha Nojenta Toma Vergonha na Cara!

O nojento é inútil.

Vergonha é rebaixamento diante dos outros.

Palavrão é de baixo calão.

A mais reles prostituta é a do baixo meretrício.

O que vem de baixo não atinge a quem é superior!

“Bastar sentar em um formigueiro e o que vier de baixo lhe atingirá. (dito popular)”.

“Em Tabu do Corpo, José Carlos Rodrigues nota que as maiores violências praticadas em nossa sociedade contra uma criança se ligam a introjeção nela de regras de higiene”.

Sofy é uma travesti nordestina, lá do interior de Pernambuco e que migrou para o Rio de Janeiro com seus 15 anos em 1975 e hoje com 36 anos em 2003 diz ter aprendido muito na vida e ainda não ter sido atingida pela AIDS, apesar de já ter sido atacada por tantas coisas na vida. Com problemas físicos nas mãos e no rosto tem dificuldade de segurar as coisas e a auto-estima muito afetada. Olha para mim e apontam no seu corpo as marcas visíveis da violência. Violência não urbana, dos grandes centros, mas a Violência de uma cidadezinha perdida no final de um estado nordestinos recheada de estigma. Conta que depois de ter levado uma surra e sido quase morta com um facão de cortar cana por dois rapazes que a usava sexualmente nos canaviais onde trabalhava.

Conta que um dia eles estavam muito bêbados e queriam sexo com ela, mas ela recusou naquele momento, pois sabia que eles estavam muito agressivos com ela. Confessa no meio da conversa que por um até se sentia atraída, pois o considerava em segredo seu marido. Naquele dia ambos estavam diferentes. Riam muito e se tocavam também. Eles faziam sexo entre eles, mas não na frente dela. Sofy conta que ao dizer não para eles, naquele exato momento eles a começaram a espancar quase até a morte. Só não foi morta por um deles com um golpe de facão na cabeça, por que o rapaz que ela considerava como o seu marido disse para o outro; *“Não suja o facão com sangue dessa merda não. Dá só porrada nesse boiola e basta...”*. Sofy disse só lembrar do último golpe que levou na cara e ali apagou e lembra ter sentido as suas mão serem golpeadas com alguma coisa muito pesada. Relata que eles tentaram cortar os seus dedos, mas não conseguiram.

Depois de retornar para casa muito mais tarde e cheia de sangue a sua mãe com a irmã a trataram a lavando com água e sabão. Nenhuma das duas lhe perguntou o que havia acontecido. Ninguém quis saber o que havia acontecido. Até as cicatrizes das mãos e os ferimentos do rosto não se cicatrizaram totalmente, ela não pode sair de casa. A sua irmã a lavava com um esfregão todos os dias e parecia que queria arrancar a pele dela na lavagem. Sofy falava que estava doendo e ela respondia que ele precisava aprender a ser homem e não boiola. Seus irmãos e pai não falaram com ela um dia se quer durante toda a sua convalescença. Duas vezes por semana a sua mãe e irmão trocavam as ataduras das mãos e passavam Mercúrio Cromo. Sua comida era colocada na cozinha antes ou depois das pessoas terem comida. Sofy conta que se sentia culpada daquilo tudo. Ouvia seus pais e irmão falarem que aquilo era uma vergonha e se não estivesse se oferecendo no meio do mato aquilo não teria acontecido. Todo mundo lhe acusava conta Sofy com os olhos cheios de lágrimas e pronta para explodir em choro. Gagueja ao

continuar a falar sobre aquela época de sua vida. Seus pais sabiam o que havia acontecido, mas ninguém queria falar nada. Caso tivesse sido com a irmã, a honra da família teria sido lavada com sangue e morte. Mas foi com José Manuel, o pederasta da família, da comunidade, o excremento da sociedade. Durante o período de convalescença seu pai arrumou para que Sofy saísse de madrugada de Timbaúba para capital. Ela conta que sua irmã e mãe combinaram com o motorista que Zequinha naquela época, ia pegar o ônibus no meio do caminho. Isto significava que ele ia pegar o ônibus fora da cidade, pois na pequena rodoviária era onde a sociedade local se organizava, se sociabilizava. Era ali que as pessoas partiam para o Sudeste, o Eldorado brasileiro, a grande São Paulo. Assim que Sofy se recuperou a pedido do pai e dos irmãos ela teve que sair de casa, escondida e sozinha partiu para Recife para trabalhar como empregada doméstica. Conta que sem saber nada, sua mãe lhe acordou por volta das três da manhã, já com uma saca de roupa nas mãos e disse que ela ia para Recife naquele dia mesmo. Atordoada ainda de sono, conta que não estava entendendo nada, mas como a regra era sempre respeitar o que os pais diziam. Levantou, lavou o rosto na tina de água do lado de fora da cozinha. Viu o seu pai no quintal, deu abençã para ele, mas não obteve nenhuma resposta, entrou na casa vestiu uma calça rota e uma camisa puída embaixo do braço, não lhe ofereceram café e sua irmã lhe deu CR\$ 5.000 cruzeiros para ir para Recife e chegar naquele endereço que estava escrito no papel. Saíram de casa ainda no escuro e andaram por umas duas horas, quando a sua mãe lhe disse que ela deveria esperar o ônibus para Recife ali e que o motorista já sabia que ela estava ali. Sua mãe lhe desejou boa sorte e mais nada e sua irmã só lhe disse para tomar juízo e vergonha na cara em Recife. No final do dia chegou em Recife e uma mulher a esperava na rodoviária. Tarde da noite conseguiu comer um pouco e dormiu no fundo de uma cozinha no chão. Naquele chão ela dormiu por trinta e três dias. No final do mês eles não a pagaram e a colocaram na rua, pois

ela era uma inútil, segundo os seus patrões. E pederasta não ficava dentro ou próximo daquela família. A mulher era a pior deles todos conta Sofy com uma tristeza profunda. Sofy não conseguiu relatar como chegou ali, quem a contratou, mas acredita que foi vendida para aquela família pelos seus pais. Ele não tinha direita a nada, nem de abrir a geladeira, caso não fosse para buscar água para seus patrões e filhos. Só dormia depois que arrumasse a cozinha e que ninguém precisasse mais dela. Não tinha roupas, não tinha identidade, não tinha nada e só esperava receber o seu dinheiro para voltar para casa. No dia esperado de seu salário ela não recebeu e a patroa disse que não a pagaria, pois ela comia e dormia as custas deles. Sofy disse que voltaria para casa. A mulher lhe disse que seus pais a proibiram de mandar José Manuel de volta e caso não servisse poderia colocá-lo na rua, mas não enviá-lo de volta nunca. Sofy conta que saiu de lá ou bem dizendo foi expulsa e foi para o baixo meretrício trabalhar de graça para poder ter um espaço para dormir e comer. Disse que parecia uma mendiga, pois nem roupa tinha. Lavava, passava, cozinhava e aprendeu com as moças a se vestir de mulher, fazer maquiagem e deixou os cabelos crescerem para esconder a deformidade do rosto. Lá mesmo na casa de Mainha, a dona do bordel, começou a vender o seu corpo para quem quisesse. Não tardou arranjar o dinheiro suficiente para vir para o Rio de ônibus. Conta que dormiu com todo tipo de cabra. Inclusive com o porteiro do edifício aonde morou na casa de sua patroa. Foi esse mesmo porteiro que a enviou para casa de Mainha. Sofy lembra que ele a viu com a mesma saca de roupa que chegou ali e percebeu que ela estava indo embora para não sabe onde. Perguntou a ela o que havia acontecido e ela contou tudo chorando. Ele deu dinheiro da passagem para ela e o endereço da casa de Mainha. Foi logo avisando a Sofy que lá era casa de Moças. Chegou no Bordel perto do antigo Centro da Cidade e lá ela revela que estava completamente perdida, pois não sabia ler e não sabia aonde ir. Perguntava as pessoas e ninguém sabia aonde era e quem

possivelmente sabia não queria associar a sua pessoa com o endereço da Casa de Mainha. Conta que conseguiu chegar bem tarde lá, mas chegou com a ajuda de uma vendedora ambulante de ervas e velas, uma senhora que conhecia as meninas de Mainha.

Revela que Mainha também não era fácil, mas lhe dava um apoio na hora certa e foi ela que a levou pela primeira vez ao cinema. Sofy conta que foi a primeira vez na sua vida que ela se sentiu realmente feliz. Ir ao cinema foi mais do que um presente, pois uma descoberta.

Conta que a última carta que recebeu de sua casa foi à coisa mais triste para ela. Foi lá para a casa de Mainha. Como naquela época ela não sabia ler, pediu para a Silvinha ler, uma outra bicha que também morava lá. Foi Silvinha que lhe deu o nome de Sofy. Chamava ela de Macaca Sopy. Acabou todo mundo chamando ela de Sofy, pois seu nome de José Manuel já não existia mais para ela.

Lá na sua terra como ela se refere a sua cidade natal, Timbaúba, lembra que não foi à escola, foi para o canavial com seus seis ou sete anos trabalhar, foi explorada pelos pais, pelos coronéis e pelos rapazes mais velhos que a agarrava no meio do canavial e ali mesmo um, dois, três faziam com ela o que queriam e lhe prometia porrada ou até ameaçavam ela com o facão dizendo que iam corta a língua dela se ela falasse alguma coisa. Lembra que foi violentada aos sete anos perto da mãe dela, mas ninguém percebeu nada. Volta à carta e diz que aquilo foi o suficiente para nunca mais voltar a vê-los nunca mais. Diz lembrar de cada palavra daquela carta que Silvinha leu umas dez vezes para ela. A carta dizia;

“José Manuel, aqui em casa não queremos mais saber de você nunca mais. Você é a vergonha da família e sabemos que você

agora é um pederasta de saias. Toma juízo rapaz, você quer nos matar do coração e de vergonha. Sabemos também que você mora com mulheres da vida e na casa de uma desenvergonhada, cafetina e meretriz. Vocês são os restos de seres humanos que há na terra. Esqueça que fomos a sua família um dia. Esqueça o nosso nome e não retorne nunca mais aqui nesta cidade. Pena que não acabaram com a sua vida lá no canavial, pelo menos esqueceríamos com tempo a sua pessoa e não teríamos que sentir essa vergonha pelo resto de nossas vidas... Você é sujo, sem vergonha, excremento...”

Sofy continua a recitar a carta como se fosse um texto teatral. O interessante é que ela não sabe de quem era as frases da carta, mas reconheceu a letra da irmã, a única que era letrada na casa, que sabia escrever um pouco. Ela não sabia contar de quem era as linhas escritas. Para ela, todos se reuniram para dizer alguma coisa contra ela e sua irmã ia só colocando no papel. Sofy não sabe quem falou o que com a sua família e muito menos quem lhes deu o endereço de casa de Mainha.

Muitos ativistas, presidentes, pensadores, acadêmicos e pessoas comuns definem...

**Homophobia is as morally wrong and unacceptable as racism
(Corretta Scott King)**

**Homofobia é moralmente errado e inaceitável tal qual racismo
(Corretta Scott King)**